



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — Dr. Manuel Marques dos Santos
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa

Administrador: — Padre António dos Reis.
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Os diversos esplendores de Fátima. — A grande peregrinação nacional de Outubro

Que é Fátima? «Porta do Céu aberta sobre a terra, fonte perene de graças e de milagres, fortaleza espiritual para a defeza da fé, santuário do sobrenatural, escola prática de todas as virtudes, teatro das mais grandiosas manifestações de piedade e das maiores glórias e triunfos de Maria»

(Dr. Luiz Gonsaga da Fonseca, lente do Instituto Bíblico de Roma e Director espiritual do Colégio Nacional Português da mesma cidade.)

A celeste visão. — Fátima e a Liturgia da Igreja. — As cataratas do Céu. — A nuvem de fumo. — O fenómeno solar — A Senhora dos três naipes.

Era em 1917, a treze de Outubro, à hora do meio-dia. Seis meses antes, em igual dia e hora do mês de Maio, depois de terem rezado o terço do Rosário, os três pastorinhos da Cova da Iria viram dois relâmpagos cortar o espaço e em seguida um vulto formoso e encantador de donzela aparecer sobre uma azinheira e convidá-los com um ar de imensa bondade a aproximarem-se para lhes falar.

Nesse mesmo dia celebrava a Santa Igreja Patriarcal, a cuja diocese pertenciam a paróquia de Fátima, a festa de Nossa Senhora dos Mártires com officio e Missa próprios.

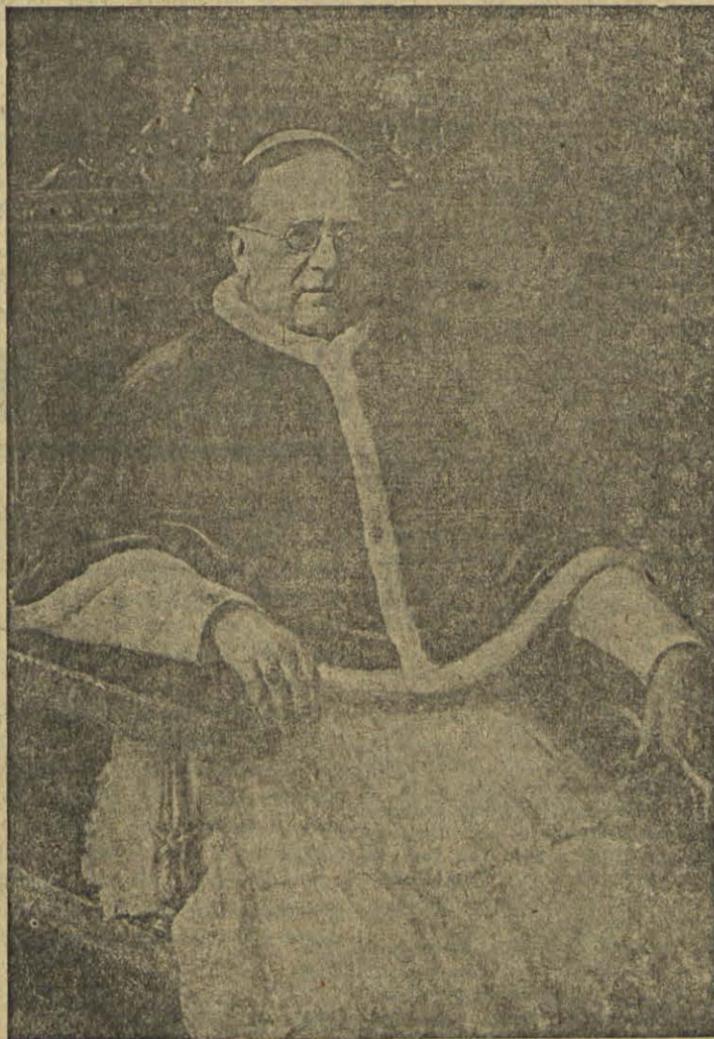
As primeiras palavras, no Officio Divino, são as que formam o versículo e o responsório de *Vésperas*:

«Saistes para salvação do vosso povo, alegrai-vos, para salvação com Cristo, alegrai-vos!» A primeira antífona de *Laudes* diz que appareceu no céu um grande sinal: «Uma mulher que tinha o sol por manto, a lua por escabelo e na cabeça uma coroa de doze estrélas». O hino proclama que a Virgem Santíssima se eleva entre os astros. O versículo e o responsório insistem no motivo da sua vinda. Finalmente a antífona de *Benedictus* diz: «Bemdito seja o Senhor, que por meio da Bemaventurada Virgem Maria visitou o nosso povo e a nossa cidade e nos libertou da mão de todos aqueles que nos odiavam e dirigiu os nossos passos para o caminho da paz». E, por todo o Officio, são continuas as alusões à acção benéfica da Rainha dos Anjos em prol do seu povo, de quem é Padroeira, e à alegria, confiança e entusiasmo com que elle a aclama nas suas apoteoses de fé e piedade.

De Maio a Outubro a misteriosa Senhora fala, repetidas vezes, com os videntes. Entre outras coisas diz-lhes que vem do Céu, promete-lhes a felicidade eterna, confia-lhes um segredo que a ninguém podem revelar, recomenda a recitação do Rosário, ensina uma pequena oração para se rezar nos intervalos das dezenas, aconselha as crianças a aprenderem a ler, proclama a necessidade da oração e da penitência para acabar depressa a grande guerra europeia e anuncia que no dia treze de Outubro fará um milagre, para que ninguém possa duvidar da realidade da sua aparição.

Chega finalmente o dia treze de Outubro. Dum extremo ao outro de Portugal, tinha corrido com a rapidez dum relâmpago a notícia consoladora das aparições

Indulgências concedidas pelo Sumo Pontífice aos peregrinos do Santuário de Nossa Senhora da Fátima



O SANTO PADRE PIO XI

O S. Padre Pio XI, por intermédio da S. Congregação da Penitenciaria concedeu a 1 de outubro de 1930 aos peregrinos de Nossa Senhora da Fátima as seguintes indulgências:

1.º — *Indulgência de sete anos e sete quarentenas* a todo o fiel cristão — constricto de suas faltas — todas as vezes que visitar o Santuário e aí orar segundo as intenções do S. Pontífice.

2.º — *Indulgência plenária* — sob as condições ordinárias — uma vez por mês — aos peregrinos em grupo ao mesmo Santuário e aí orarem pelas intenções do S. Pontífice.

e teorias, longas e intermináveis de fiéis, põem-se a caminho do planalto sagrado para presenciarem o maravilhoso sinal de Deus, predito pelos videntes.

É meio-dia solar. Não se vê uma neblina de céu azul. Chove torrencialmente, desde as primeiras horas da manhã. Cerca de setenta mil pessoas estão reunidas no recinto da Cova da Iria. De repente, a chuva deixa de cair, um braço invisível rasga as nuvens e o sol, em todo o seu esplendor, gira vertiginosamente sobre si mesmo, lançando feixes de chamas, que revestem sucessivamente todas as côres do arco-iris, enquanto a multidão, composta de crentes e incrédulos, se prostra de joelhos, chorando e soluçando e pedindo perdão e misericórdia. Momentos antes do maravilhoso fenómeno, tinha-se verificado a sexta e última aparição. Uma nuvem de fumo envolvia o espaço ocupado pela Aparição e pelos videntes. As privilegiadas crianças viram a Senhora dos três naipes. A Rainha do Céu manifestou-se-lhes sucessivamente sob três das invocações mais queridas dos portugueses, as invocações do Rosário, das Dores e do Carmo. A celeste Visão disse que era preciso não offender mais a Nosso Senhor que estava muito irritado com os pecados dos homens e sobretudo com o pecado da carne, pediu que se edificasse ali uma capela em sua honra e declarou que era a Virgem do Rosário.

Anciosa expectativa. — Treze anos depois. — A Magna Carta de Fátima. — O regosijo Nacional. — A repercussão mundial do veredictum da Igreja — A gloriosa Lourdes Portuguesa.

Mas os anos sucedem-se uns aos outros. Entretanto o nome dulcíssimo de Fátima propaga-se ao longe e ao largo transpõe as fronteiras e chega até aos confins do mundo. A simples lembrança desse cantinho do Céu, alcandorado nas encostas da serra de Aire, faz palpitar de alegria e de entusiasmo os corações dos crentes. Uma torrente caudalosa e incessante de pessoas, de todas as classes e condições sociais, ocorrem ao maior centro de culto religioso do nosso país, levando depois para toda a parte a semente fecundante duma fé viva e duma piedade ardente que, regenerando os indivíduos reformando as famílias, recristianiza a sociedade e prepara a salvação de Portugal. A Rainha do Céu, gloriosa Padroeira da Nação, espargue a flux graças e bênçãos sobre todos os que a invocam cheios de confiança no seu valimento e na sua intercessão maternal. As curas prodigiosas multiplicam-se de ano para ano. Vítimas de todos os males físicos que ter-

turam a pobre humanidade vão à nova piscina probática buscar a saúde e a vida. Ao mesmo tempo, as almas manchadas pela culpa e atormentadas pelo acúleo do remorso, encontram, na fonte de graça, que é o Sacramento da Penitência, com a misericórdia e o perdão para as suas misérias morais a força e o conforto de que precisam para a luta constante, por vezes violenta, e sempre temerosa, com os inimigos espirituais. Mas o sol divino que nasceu em Fátima ilumina com os seus raios fulgentes, não só Portugal, senão também as demais nações do orbe. De todos os pontos da Europa, do Extremo Oriente, do Continente Negro, das vastas regiões do Novo Mundo e das ilhas esparsas no Grande Oceano, os olhos e os corações voltam-se para Fátima e a devoção à gloriosa Senhora Aparecida torna-se, a par da de Lourdes, uma das devoções mais queridas dos nossos tempos.

Treze anos depois, a treze de Outubro do corrente ano, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, declara como dignas de crédito as visões das crianças e permite oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima. A carta pastoral «A Providência Divina» que encerra a sentença da autoridade eclesiástica competente, proferida depois de dez anos dum estudo atento e profundo dos acontecimentos, constitui verdadeiramente a *Magna Carta* de Fátima.

O Anjo da diocese de Leiria, escolhido pela Rainha do Céu para executor da sua obra e apóstolo das suas glórias, pôs assim, dum modo brilhante, um remate condigno aos seus trabalhos de juiz nesta momentosa questão, fechando com chave de ouro a primeira fase da divina história de Fátima. Embora de há muito esperada, a decisão episcopal fez palpitar de santa emoção Portugal inteiro, que no púlpito, na imprensa periódica, nas conversas particulares, enfim, por todas as formas de publicidade, manifesta em vivos transportes de entusiasmo, desde o alto clero até aos mais humildes fiéis, a sua alegria e o seu reconhecimento para com a augusta pessoa do venerando Prelado de Leiria.

A repercussão mundial do *verdictum* da Igreja, proferido no momento oportuno, na hora que a Providência marcara no relógio do tempo, quando o nome de Fátima tinha já chegado aos confins do orbe, deve ser enorme e retumbante. Já se sabe que alguns Prelados ilustres se prepararam, na Hespanha, na Bélgica e na Alemanha, para vir depôr a homenagem da sua veneração e o tributo do seu amor aos pés da Virgem que se dignou santificar com a sua presença uma nesga de terra neste cantinho da Europa e erguer nela o trono das suas graças e das suas misericórdias. Fátima, de hoje em diante, é de direito e de facto para o mundo inteiro, a gloriosa Lourdes Portuguesa.

Bem dita seja, mil vezes bem dita, a augusta Rainha dos Anjos, Imaculada Padroeira da Nação, que mais uma vez quis provar que não esquece e que ama esta terra, que é sua, porque é verdadeiramente a terra de Santa Maria!

A peregrinação nacional — Peregrinações organizadas — Procissão das velas — As grandes multidões — Adoração noturna — Explicação dos mistérios do Rosário.

A grande peregrinação nacional de Outubro revestiu a imponência e o esplendor próprios das suas empolgantes manifestações de fé e dos mais comoventes espectáculos de piedade que se realizam em Portugal e que só conhecem dois teatros: o Sameiro e Fátima.

Os dias doze e treze foram dias verdadeiramente primaveris.

Mas, se por um lado a amenidade do tempo contribuiu para o brilho das solemnidades religiosas, por outro lado, as trovoadas dos dias precedentes, que muitas pessoas recebavam se repetissem, desfaleceram, em larga escala, como era natural, o concurso de peregrinos.

Em todo o caso, era digno de vêr-se, sobretudo na procissão das velas e por ocasião da Missa dos doentes, o aspecto das multidões, que se estendiam, a perder de vista por todo o vasto recinto da Cova da Iria, semelhante a um lago imenso de cabeças humanas.

No dia doze, às primeiras horas da tarde, começaram a chegar as peregrinações organizadas. Entre as mais numerosas, merecem especial referência as do

Patriarcado, Bemfica, Alhandra, S. Mamede de Infesta (Pôrto,) Mafra, Alco-baça, Mosqueira, Extremoz e Troviscal.

A procissão das velas, desenrolando-se no recinto das aparições, na forma do costume, com os estandartes com as velas, com os cânticos, com o entusiasmo e a piedade dos fiéis, foi, como sempre, dum beleza e dum encanto impossíveis de descrever. À meia noite principiou a adoração nocturna. Lido o acto de reparação pelo rev.º Marques dos Santos, aproxima-se do microfone o rev.º dr. Luís Gonzaga da Fonseca, professor do Instituto Bíblico de Roma, e dali, faz a explicação dos mistérios gozosos do Rosário, antes de se dar início à recitação de terço e nos intervalos das dezenas.

As seis horas, depois de todas as peregrinações terem feito a sua hora de adoração, é dada a bênção com o Santíssimo Sacramento e em seguida celebrada, no altar-mor da capela nova, a Missa da Comunhão Geral.

Na Penitenciaria — Vinte e cinco Cristóforos — As orações e os cânticos — A longa teoria dos doentes — A visita dos aviões — Uma peregrinação belga.

Entretanto junto das portas da Penitenciaria aglomera-se uma multidão inumerável de homens. Desde a véspera à tarde que se observa, a cada momento, esse consolador espectáculo. Durante horas consecutivas, doentes de todas as doenças morais, ali aguardam a sua vez de se aproximarem do santo tribunal da Penitência de mistura com piedosos peregrinos, que pretendem apenas reconciliar-se para fazer com mais fervor que o usual a Comunhão do dia treze.

A medida que o dia avança, a multidão cresce em volta do pavilhão dos doentes. Muitos milhares de pessoas, de ambos os sexos, de todas as idades, classes e condições sociais, com as almas purificadas pela graça e os corações palpitantes de amor divino, preparam-se para receber a Sagrada Comunhão.

Vinte e cinco sacerdotes, revestidos de sobrepeliz e estola, distribuem incessantemente pelos fiéis, horas a fio, o Pão dos Anjos.

Reza-se com fervor. O silêncio, profundo e solene, só é interrompido pelo brando ciciar das preces ou pelas suaves harmonias do órgão. De vez em quando, um cântico litúrgico, entoado junto do microfone, rompe de milhares de lábios, fremente de santo entusiasmo e impregnado de piedosa união. Deitados nos seus grabatos de dor ou sentados em longas filas, nos bancos do Pavilhão, veem-se inúmeras vítimas de todas as misérias físicas que afligem a pobre humanidade. Quantos rostos emaciados pelo sofrimento! Quantos corpos consumidos e mirrados pela doença! Quantos verdadeiros farrapos humanos!

Súbito, ouve-se nas alturas um rumor característico, ainda distante, que rapidamente se intensifica, à medida que se aproxima, vertiginoso. É a visita dos aviões que vão depôr aos pés da Virgem, como mensageiros do Céu, ramos de flores e tributos de amor.

Entre os peregrinos estrangeiros que foram a Fátima no dia treze de Outubro, destaca-se uma jovem senhora de nacionalidade belga, Mlle Jeanne Shiffers, tam inteligente e culta como profundamente piedosa. Visitando então pela primeira vez o santuário augusto da Lourdes Portuguesa, o espectáculo assombroso e empolgante que teve a ventura de presenciar excedeu sobre toda a medida a sua expectativa. Prêsa de admiração e comovida em extremo, ao ver a fé e a piedade das multidões, de balde pretendia traduzir em palavras os sentimentos que lhe iam na alma e que lhe faziam brotar dos olhos lágrimas de consolação. Os leitores da «Voz da Fátima» terão o delicioso prazer espiritual de lerem no número do próximo mês de Dezembro uma carta interessante da jovem belga, hóspede do nosso país, — verdadeiro mimo literário, em que ela tenta trasladar as impressões vivas e profundas produzidas no seu espírito pelas scenas maravilhosas daquele dia inolvidável.

A procissão de Nossa Senhora — Missa dos doentes. — Bênção do Santíssimo Sacramento — O sermão oficial — Procissão do adeus — Duas curas extraordinárias.

É chegado o meio-dia solar, a hora do contacto místico entre a terra e o Céu. A augusta Imagem da Virgem, espalhando graças e bênçãos, passa triunfan-

te, em cortejo, levada aos ombros dos servitas, através de alas compactas de peregrinos, sob uma chuva contínua de pétalas e saudada pela multidão imensa com o agitar febril e entusiástico de dezenas de milhares de lenços.

O Anjo da diocese de Leiria sobe ao altar e celebra a Missa oficial. O órgão enche de novo o espaço com os seus acordes harmoniosos, graves e tristes, que convidam ao recolhimento e à meditação. A assistência, orando e cantando hinos litúrgicos, une-se à Vítima Divina, que se imola sobre o altar, em expiação dos pecados do mundo.

Terminou o augusto Sacrifício. Reza-se o terço. Depois é exposto o Santíssimo Sacramento. O venerando Prelado de Leiria desce do altar e vai dar a bênção a cada um dos doentes com a Hóstia Santa encerrada numa custódia de prata, enriquecida com incrustações de ouro. Levava a umbela o grande médico ginecologista Dr. Weiss de Oliveira, antigo Governador Civil de Lisboa.

Acompanham o Santíssimo Sacramento os sacerdotes presentes, revestidos de sobrepeliz. A cerimónia sempre antiga e sempre nova, tem o condão de fazer brotar mais uma vez dos olhos de todos, sãos e doentes, lágrimas de alegria e de íntima comoção. Encerrado o Santíssimo no sacrário da Penitenciaria, toma o seu lugar junto do microfone o pregador do sermão oficial, rev.º dr. Luís Gonzaga da Fonseca. A sua oração, que será integralmente reproduzida na «Voz da Fátima», versou sobre o assunto da Carta Pastoral sobre o culto de Nossa Senhora de Fátima, fazendo dela uma luminosa síntese e expondo a largos traços as graças incomparáveis que Fátima trouxe a Portugal e ao mundo. Concluiu o sermão. Realiza-se agora a procissão do *adeus*. É o espectáculo mais lindo e mais empolgante que se pode imaginar. A bem dita Imagem do Santíssimo Rosário volta de novo para o seu pedestal na capelinha das aparições, onde se efectua a apoteose final. Mais lenços brancos a esvoaçar, mais súplicas veementes, mais flores, mais lágrimas, mais entusiasmo e mais amor. Feita a consagração colectiva da peregrinação nacional à Virgem Santíssima, a assistência, tam numerosa que enche o vasto espaço do local das aparições, que medeia entre a fonte miraculosa e a Penitenciaria, principia a dispersar.

Momentos antes, quando a Imagem da Virgem passava por entre os doentes, no respectivo Pavilhão, uma rapariga, de 21 anos de idade, de nome Isabel Ribeiro de Freitas, paralítica, sentiu-se repentinamente curada. Fazia parte do grupo de peregrinos do Pôrto, organizado pela senhora D. Maria José Pestana e pelo sr.

Joaquim José Esteves. Moradora naquela cidade, Rua das Altas, 145, estava, há dois anos, a lavar roupa, à porta de sua casa, no Bonfim, quando, de repente, a varanda da janela, abateu colhendo-a.

Do desastre resultou partir uma perna pelo quadril e o osso da bacia, além dum forte comção cerebral. Internada no Hospital da Misericórdia, teve alta passados quatro meses, mas só podia andar com muletas e nunca mais deixou de sofrer. Ocorreu-lhe então o pensamento de ir a Fátima pedir a sua cura por intercessão de Nossa Senhora. Como era pobre, algumas pessoas da sua amizade promoveram uma subscrição para com o seu produto se ocorrer às despesas da viagem. Parte acompanhada pela servita D. Maria de Jesus da Cruz. Tendo chegado a Fátima no dia doze à tarde, foi recolhida no Albergue de Nossa Senhora, onde passou a noite e donde, no dia seguinte de manhã safu em maca para assistir às cerimónias da Peregrinação Nacional. Depois de comungar e de receber a bênção do Santíssimo, não experimentou as melhoras que esperava e, já resignada com a sua sorte, preparava-se para o regresso. No momento em que a Imagem da Virgem passava junto dela, no regresso à capela das aparições, a doente sentiu-se impelida para fora da maca. Obedeceu ao impulso e, levantando-se, saltou para o chão. Estava curada! Na véspera, no Posto das verificações médicas, tinha entregado o seu certificado que lhe passara o Chefe da Secretaria do Hospital Geral do Pôrto e em que se encontra exarado o diagnóstico que motivou a entrada.

Esse diagnóstico é do teor seguinte: «Fractura da perna esquerda e comoção cerebral e fractura da bacia. Causa: desmencionamento.»

Entre os peregrinos, via-se Maria dos Anjos de 23 anos, moradora em Avanca, que sofria de ataques epiléticos e de doença da coluna vertebral e que foi curada no dia treze de Agosto do ano próximo passado. Tratada por vários médicos, entre os quais o dr. Egas Moniz, todos diziam que a sua doença era incurável, tanto mais que tinha o carácter de hereditária.

Apresentou um atestado do dr. Henriques Gomes de Araújo.

Bem dita seja a Virgem Santíssima, Imaculada Padroeira de Portugal, que desceu do Céu à terra — terra de Santa Maria — para, como médica divina, curar os que sofrem de doenças e enfermidades ou trazer-lhes doce lenitivo e o conforto ainda mais doce da resignação cristã!

Visconde de Montelo

Graças de N. Senhora de Fátima

Relatando algumas das muitas graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, não queremos nem devemos anteciparmo-nos ao juízo da Santa Igreja que neste assunto como em todos emprega as maiores reservas e cautelas.

Tanto é assim que tendo sido as aparições de Lourdes em 1858, foram julgadas miraculosas por diferentes Senhores Bispos de França, apenas 30 curas, depois de rigorosos processos canónicos a que foram sujeitas.

A palavra milagre que, às vezes, aparece nesta secção, não é, pois, tomada em sentido rigorosamente teológico.

Crises epileptoides.

Era em 1925. Contava ela, Maria dos Anjos Nunes Pereira, da Murtosa os seus risonhos 18 anos. Sendo de rara beleza e muito robusta, começou a enfraquecer e a tornar-se um pouco anémica. Isto, junto à completa falta de apetite, chamou a atenção de sua família.

No dia 9 de Maio do mesmo ano, 1925, foi vítima dum formidável ataque que lhe tirou o uso da razão ficando completamente dementada. Foi chamado o ilustre médico Dr. Ernesto Marques Serrão que disse serem uns ata-

ques e que somente no Pôrto poderia conseguir algumas melhoras. Os ataques eram sucessivos! Sua pobre família atorrada com o seu gravíssimo estado, seguiu imediatamente o sábio conselho do ilustre clínico.

Foi levada em braços para a camioneta e desta para o comboio. Foi dirigida ao Dr. Gomes de Araújo que foi dum grande dedicação para com a doente. Os ataques continuavam! Uma tarde sobreveiu-lhe um em plena rua Sá da Bandeira, e o seu desolado estado atraíu a atenção de tanto povo, que a policia teve necessidade de intervir por causa do trânsito que fôra impedido.

Viam-se lágrimas em todos os espectadores ao contemplarem o seu doloroso sofrer. Durou essa crise umas longas e críticas 24 horas, e, aparecendo o Dr. Victor Ramos diagnosticou ser incurável a sua doença. Devido porém ao cuidadoso e sabedor tratamento do Dr. Gomes de Araújo, começou a enferma a experimentar algum alívio, com alegria sua e de todos os seus.

Porém o seu estado complicou-se sobrevindo-lhe um terrível mal de cabeça que lhe não consentia estar parada — era a chorea.

Neste estado de coisas disse o Dr. Gomes de Araújo que era escusado gastar-se mais dinheiro. Nesta triste conjuntura sua família muito desolada e já sem esperanças de haver cura, levou-a ao famoso especialista de doenças nervosas — Dr. Egas Moniz — E este ilus-

tre clínico interessou-se tanto pelo seu estado, que pedia que lha levassem todos os dias. Todavia o resultado era nullo. Assim se passaram quatro longos e dolorosos anos. Quando ela se sentia melhor, entretinha-se a ler o jornalzinho — *Voz da Fátima* — e logo começou a pedir incansavelmente que, por caridade a levassem a Fátima, àquele cantinho do Céu. A sua petição foi executada! Conduziram-na em braços para o comboio. Foi no dia 11 de Agosto de 1929.

Dos que a viram, uns criticavam tal proceder, outros, porém, lastimavam a sua desdita.

A viagem foi muito agitada e tormentosa. Sobrevieram-lhe dois ataques durante a mesma, sendo um na Curia e outro em Leiria.

Ali chegada, os carregadores tiraram-na em braços, mas o seu estado mental era de tal ordem, que desejava matá-los, etc.



Maria dos Anjos Nunes Pereira

Foi pernoitar em casa da Snr.^a Maria Torre. E ali repetiu-se o ataque, deixando-a num estado furioso e horripilante. Passou-se uma noite de verdadeiro martírio.

Dali no dia 12 de manhã seguiu para Fátima. Conduziram-na imediatamente para o Pavilhão, mas, devido ao seu desarranjo mental, viram-se na dura necessidade de a retirar dali para o hospital.

Ali veio-lhe uma terrível cólica que complicou o seu já grave estado, inspirando seriíssimos cuidados ao médico que dizia não haver cura humana para aquela mártir.

Devido ainda ao seu desarranjo mental negaram-se os superintendentes de Fátima a dar ordens para que a levassem para o Pavilhão. Isto contristou deveras a sua família e todos os que a conheciam.

Momentos antes de ser dada a bênção do SS.^{mo} aos doentes, no dia 13, devido a muitíssimos rogos, levaram-na para o Pavilhão. A sua chegada ali atraía a compaixão de toda a gente.

Ela tinha os olhos fechados; não via. A servita falou-lhe ao ouvido, perguntando-lhe se desejava ver N.^a Snr.^a Pareceu que lhe deram um choque eléctrico.

Abriu os olhos e... atônita, respondeu afirmativamente. Trouxeram-lhe a imagem e a servita ergueu nos seus braços a doente, que começou a suplicar à mãe do Fátima a sua cura, em altos gritos de aflicção e fé.

Estes seus rogos tocaram as raías do delírio e assim consegue desprender-se dos braços carinhosos que a amparavam, e começa a correr por seu pé atrás da imagem, chorando cantando e rezando.

Está realizado o grande milagre. Foi no inolvidável dia 13 de Agosto de 1929. E ela agora canta, reza e chora; chora lágrimas de gratidão àquela que é a saúde dos enfermos.

Foi um verdadeiro milagre autenticado pelo médico do hospital de Fátima e pelo médico assistente, cujo testemunho a seguir se transcreve, omitindo-se, por amor à brevidade, os testemunhos de mais outros médicos, pois ela está completamente curada e há mais de um ano que já não sofre.

Vamos, pois, sempre com muita fé a Fátima, àquele torrão bendito, pisado pelos sagrados pés da mãe de Deus, àquela pequenina nega do Céu e ali, com os joelhos sobre a terra, as mãos enclavilhadas sobre o peito digamos com todo o nosso entusiasmo: Mãe de Fátima, mãe dos portugueses, Salvai-nos.

Declaração médica

«Declaro que examinando a snr.^a Maria dos Anjos Nunes Pereira, da Murtosa, averiguei que ela fez durante cinco anos diversas crises epileptoides. Soube pela doente que, com a sua ida a Fátima, pararam tais crises. O exame actual denuncia um estado geral perfeito e pela evolução do caso durante um ano estou certo que a doença terminou.
Porto 29 de julho 1930

(a) H. Gomes d'Araujo.»

Mal de Pott.

«Eu, Olívia da Conceição Pereira, de 17 anos, do lugar de Nadrupe, freguesia da Lourinhã, venho publicamente, agradecer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a minha cura.

Sofria horrivelmente de dores na espinha. Passava as noites e os dias continuamente gritando. As dores eram tão fortes que me aleijaram, arqueei toda para traz, estava numa posição que não podia ver os meus pés.

Tratei-me com o Senhor Dr. Leal. Chegou a duvidar do meu restabelecimento, quasi me desenganou.

Fui-me tratar com o Sr. Dr. Alberto, do Bombarral, que declarou sofrer eu de mal de Pott na espinha. Disse-me que tinha de tirar uma radiografia e depois mandou-me para o Sanatório.

Mas eu com as grandes máguas que sentia em ter de me ausentar de minha família, não quis ir. Adoeci em 1927. Andei a tratar-me com os srs. Drs. mais dum ano sem resultado. Voltei-me com uma fé tão viva, com um amor tão ardente, à minha rica Mãe do Céu, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que se Ela, me fizesse o milagre de eu melhorar sem cumprir as prescrições dos médicos, eu iria á Fátima a pé, e dava as minhas joias. Também prometi comprar uma imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, para a capela da minha terra, e fazer-lhe uma festa, pedindo eu, pelo povo.

Fui ouvida nas minhas súplicas! Mesmo aleijadinha como estava pus-me a caminho com duas pessoas de minha família que, coitadinhas, se prontificaram a acompanhar-me para tão longa viagem. Nós não sabíamos caminho nem carreiro mas eu estou convencidíssima que tivemos uma excelente companhia que foi a nossa Mãe do Céu, Maria Santíssima.

Foram aproveitadas as minhas súplicas, as minhas orações.

Hoje, graças à minha Mãe do Céu, sinto-me competentemente boa, com forças, mesmo com ânimo de trabalhar, julgando eu nunca mais vir a ser mulher que prestasse.

Já comprei a imagem e a festa realizar-se-há nos dias 18 e 19 do próximo mês de Outubro. No dia 18 há procissão das velas e cânticos e no dia 19 a festa e sermão, tudo em honra de N. S.^a do Rosário da Fátima.

O povo reconhecido por tão grande milagre ajudou-me de muito boa vontade.

Eu, graças à Mãe do Céu, continuo bem.

A todas as pessoas peço que nunca esqueçam a Mãe do Céu, que Ela atenderá os nossos pedidos e nos acudirá nas nossas aflições.

A todas as pessoas que tiverem conhecimento deste tão grande beneficio, peço as suas orações para que eu durante toda a minha vida não me torne menos digna da graça que Maria Santíssima fez à sua filha».

Um calvário de oito anos.

No dia 13 de setembro último, terminada a procissão final que costuma rematar as cerimónias da peregrinação, vamos encontrar em casa do Rev. Reitor do Santuário, sorridente e feliz, falando e comendo, uma pessoa que, de véspera, e mesmo antes da Missa final, dos doentes, tínhamos visto primeiro no Hospital e depois no Pavilhão dos doentes em estado desesperado.

E tão mal estava que o Ex.^{mo} Snr. Dr. Pereira Gens, Director do Posto Médico, depois de injeções á doente, dera as suas ordens para o caso de morte.

Chama-se Emilia Baptista de Castro e é natural da freguesia de Fragoso, concelho de Barcelos.

O seu longo martírio começou em 1921, quando tinha 16 anos.

Um golpe profundo na mão esquerda foi ocasião de uma infecção de tal gravidade que, depois de variadas peripécias em que a vida esteve tantas vezes a extinguir-se, em que o seu alimento era apenas a Santa Comunhão e um pouco de água de Fátima, veio a ser-lhe amputado o braço (um braço que pesava oito quilos!) em 23 de agosto de 1926.

No entanto a operação correu tão bem que passados oito dias já a doente se entregava ao serviço de casa.

Mais tarde a saúde voltou novamente a alterar-se, a sofrer muito do estômago e em dezembro de 1927 começou a deitar sangue pela boca, facto que se repetiu nestes últimos três anos várias vezes.

Nova jornada dolorosa para a pobre doente, consultas, medicamentos, injeções, muitas vezes entre a vida e a morte, tendo recebido os últimos Sacramentos, perdendo várias vezes os sentidos e a fala, não podendo tomar mais que umas gotas de água.

O estômago pôs-se em tal estado que até isto repelia e durante oito meses não pôde deitar-se nem um só instante, não podia com um chale fino sobre os ombros. Qualquer movimento lhe causava dores atrozes e não podendo sustentar-se sósinha eram a mãe e a irmã que tinham de a amparar dia e noite, o que constituía um martírio para todos.

Neste estado aflitivo e desesperado recorreu com todo o fervor a Nossa Senhora e prometeu ir a Fátima o mais cedo possível, se Ela, ao menos, lhe concedesse a fala pois lhe custava imenso nem poder dizer o que sofria e pedir o que lhe era necessário.

«Pode bem dizer-se (diz a miraculada no seu relatório que por ser muito extenso resumimos) que é um verdadeiro Purgatório que se passa neste mundo e que só pelo amor de Deus se suporta com resignação. Era assim que a minha cruz era levada em fervoroso transporte de amor por Jesus Crucificado.

Quantas vezes teria desesperado no meio do meu prolongado sofrimento se não fôsse o Deus Santo, do meu coração, que tantas vezes entrava na minha alma. Nesses momentos tão felizes é que eu pedia a Jesus e a N. Senhora de Fátima que me curasse se essa fosse a sua vontade».

Resolvendo vir a Fátima, pediu atestado ao sr. Dr. Matos que lhe disse que estava muito mal e não aguentaria a viagem, temendo que morresse no caminho. O mesmo pensava a família que, com a doente começaram uma novena de comunhões, que foram repetindo durante quatro meses.

A's 10 da manhã de 12 de setembro estava em Fátima sendo levada em braços á igreja para receber a Sagrada Comunhão. «Nem posso explicar (diz a doente) o que nesse momento o meu corpo sofria, o mais cruciante martírio, mas, ao mesmo tempo a minha alma gozava as delícias dum amor sem medida.

Após uns momentos de acção de graças fui reconduzida ao Albergue dos doentes onde me trataram com todo o carinho e amor passando o dia e a noite em grande sofrimento, que eu ocultava, em silêncio, quanto podia. Mas se o meu corpo era todo sofrimento, a minha alma era toda alegria na convicção de que no dia 13 ficaria livre de todas aquelas dores.

A's 11 horas fui levada em maca para o Pavilhão dos doentes. Não me é possível explicar o que então aí sofria quando vinha a procissão e Nossa Senhora para junto de seus filhinhos, pedi-lhe mais com o coração que com palavras que tivesse compaixão de mim que tanto sofria.

Desde esse momento perdi por completo a vista, sendo a aflicção cada vez maior, não podendo suportar nenhuma posição, não sentindo nada do que me faziam.

Seguiu-se a Missa celebrada pelo Snr. Bispo de Leiria e as invocações e a bênção dos doentes, mas eu nada ouvi. O Sr. Dr. Gens julgou-me perdida. Quando tudo estava a terminar senti-me inteiramente imóvel e que a vida ia a abandonar-me.

Quando Nossa Senhora voltava para a sua capelinha e todos acenavam com os lenços, lembrando-me então que nem para a minha terra podia voltar, agarrei-me como um naufrago, á Mãezinha do Céu, dizendo assim:

O' minha Mãezinha do Céu, ou levai-me convosco para o Paraíso ou dai-me alívio nos meus sofrimentos. Curai-me que bem podeis. Tende compaixão de mim que tanto sofro.

Passados uns momentos, senti-me transformada em todo o meu corpo, vendo as forças a voltar-me novamente e que uma voz me convidava a levantar-me. Como não obedecesse logo, temendo não me segurar de pé, ouvi segunda vez: levanta-te e caminha.

Sem mais, levanto-me de repente e fui por meu pé á Capelinha acompanhando a procissão final, agradecer a grande graça.

Fui depois para casa do Rev.^o Reitor do Santuário onde estavam também o Snr. Bispo de Leiria, os srs. médicos que me examinaram, e outras pessoas, que ficaram radiantes de alegria.

Sentia-me bem disposta, apenas com uma pequena dor no estômago, mas daí a pouco tudo tinha desaparecido.

Eu que nem água suportava, comecei lo-

go ali a comer de tudo sem que nada me fizesse mal.

Mil graças sejam dadas a Nossa Senhora do Rosário que se dignou atender a minha prece num momento de tanta angústia. Jámais deixarei de amar toda a vida a consoladora dos aflitos para que continue a abençoar e proteger todos aqueles que «Ela põem as suas esperanças».

Fátima no Brasil

Bem haja N.^a S.^a do Rosário da Fátima que não limitando os seus favores aos filhos ainda embalados no regaço da Mãe Patria, os vai tornando extensivos também aos que cá andam por tão longe. Portugueses e Brasileiros, irmanados no mesmo espírito de fé de seus Maiores, parecem competir entre si sobre quem mais se avantajará no culto de N.^a S.^a do Rosário da Fátima.

O precioso livrinho «As grandes maravilhas de Fátima» e os 600 e tantos exemplares da *Voz da Fátima* que do Recife se vão espalhando cada vez mais ao longe, mais e mais também vão tornando conhecidos os extraordinários e maravilhosos benefícios de toda a sorte a mãos cheias derramados pela Mãe do Céu sobre os que a Ela confiadamente recorrem sob a recente invocação de N.^a S.^a do Rosário da Fátima.

Já não tem conta o número de estampas, medalhas e novenas de N.^a S.^a da Fátima aqui distribuídas e procuradas com interesse sempre crescente.

E a água milagrosa... raro é o dia que não vêm diversas pessoas procurá-la. Pena é ser tão difícil recebermo-la daí, pois, quanta mais viesse, maior de dia para dia se tornaria a sua extração.

A's devotas homenagens a N.^a S.^a da Fátima, cada vez mais intensificadas de há 2 anos a esta parte, veio dar novo e maior incremento a exposição ao culto público (com licença de S. Ex.^o o Snr. Arcebispo Metropolitano) duma estátuazinha de N.^a S.^a do Rosário da Fátima. Não media mais de 23 centímetros a 1.^a, mas nem por isso deixou de despertar sensível interesse a sua veneração. Com o aumento porém da devoção cresceu no povo também o desejo de possuir uma estátua maior e mais perfeita, desejo que em 15 de Agosto findo se converteu em realidade com a bênção solene de uma nova estátua de 60 centímetros. Não se convidaram parafinios; aceitaram-se os que por devoção se quiseram apresentar como tais. Para avaliar do interesse geral, basta dizer que nunca á nossa Capela afluiu tanto povo de todas as classes como naquela noite e com mostras da mais sincera piedade.

Enquanto que a estátuazinha anterior se expunha nos dias 13, ou no Domingo mais próximo, a actual ficou em exposição permanente em gracioso e artístico oratório, onde todos os dias se vêem ajoelhar numerosos fiéis implorando com fé ardente a protecção de tão boa Mãe. E que não tem sido frustrada a confiança dos quotidianos suplicantes prova o cumprimento de sucessivas promessas como tributo de gratidão pelo feliz despacho de graças imploradas.

Já lá vai mais de um mês, e desde então nem um só dia, todo o tempo que a Capela permanece aberta ao público, das 5 às 8 horas da manhã, têm deixado de arder 2 velas ante a linda e devota imagem. E, como esta, freqüentes outras ofertas têm sido feitas, de uma artistica lâmpada, toalhas, jarros de metal, flores quer artificiais, quer naturais, etc., tudo autênticas demonstrações de filial amor e sincero reconhecimento.

Fica deste modo bem patente que, como em Portugal, também aqui no Brasil esta devoção está sendo um poderoso incentivo para um novo ressurgimento do espírito religioso de um povo naturalmente bom, cuja fé mais e mais está sendo vivificada pelo brilho e calor desse foco intenso que com origem em Fátima estende seus raios benéficos sobre estas longínquas paragens, como provam com maior realce, além de outras muitas, as graças pedidas com feliz êxito, cuja relação junto remeto.

Outubro-1928

Recolhera-se ao Hospital Português um cavalheiro já idoso, avô de 3 alunos nossos de então. Era um Domingo, em que sempre, á noite, se faz na nossa Capela o caticismo para o povo com pregação e Bênção do SS.^{mo}.

Por ser na novena de N.^a S.^a do Rosário da Fátima a pregação daquela noite versou sobre a eficácia da devoção a N.^a S.^a sob a dita invocação particularmente no que diz respeito aos Sacramentos aos doentes obstinados. Providencial coincidência! Em meio da pregação abeira-se de mim

(que estava de lado assistindo ao sermão) e mais velho dos 3 netos do doente pedindo-me com urgência bënzesse uma medalha de N.ª S.ª para levar ao vovô que, em estado grave como estava, se recusava a receber os Sacramentos. Satisfeito o pedido, lá se foi pressuroso o jovem levar a medalha, e eu, terminada a Bênção, comunicando ao povo a providencial coincidência, com todos fiz uma prece a N.ª S.ª da Fátima para que confirmasse, se preciso fosse, com um milagre as palavras do pregador, tirando assim uma alma ao inferno e abrindo-lhe o céu.

O resultado não podia ser mais satisfatório. Meia hora não era passada quando pelo telefone informam do Hospital que entrando a visitar o enfermo um virtuoso Sacerdote, amigo do doente, este ao vê-lo, espontaneamente pede que o oiça de confissão.

Em seguida a ela lhe foram administrados os demais Sacramentos, confortado com os quais, pouco depois sua alma descançou no Senhor.

Dezembro-1928

Prégava eu uma Missão em Maceió, capital do Estado de Alagoas. Na ante-véspera da conclusão, por causa de uma corrente de ar, enrouqueci notoriamente, tornando-se-me cada vez mais penosas as restantes pregaçãoes que, se bem que com notável esforço, consegui ainda assim levar por diante até à da Comunhão geral. Teve de tarde lugar uma vistosa e devotíssima procissão com o SS.º Sacramento, como remate da qual se deu a Bênção campal do alto da escadaria da Catedral. Encontravam-se ali reunidas para cima de 5.000 pessoas, e o Vigário, Rev. Cônego António Valente, voltando-se para mim diz: o Sr. depois da Bênção fala ao povo... a que eu só pude responder: «rouco como estou, ao ar livre e a tão grande multidão, como pode isso ser?»

Sem nova insistência procedeu-se à Bênção, durante a qual me veio a feliz inspiração de pedir a N.ª S.ª da Fátima que, se fosse para glória de seu Benditíssimo Filho e para bem daquele povo, só dando-me a voz que quasi totalmetne me faltava. Formulado assim o pedido, senti-me possuído de uma tal confiança que não hesitei, terminada a Bênção em pedir uma cadeira de cima da qual (segura por um soldado) consegui falar durante cerca de 20 minutos, e com voz de tal maneira clara que ainda os mais afastados puderam nitidamente ouvir.

Graças mil a tão prodigiosa intervenção de N.ª S.ª do Rosário da Fátima...
Colégio Nóbrega
Recife 13-IX-930

P.º João de Miranda, S. J.

Maio-1930

Eredina Travassos de Almeida, residente em Recife, agradece de todo o seu coração a N.ª S.ª da Fátima a grande graça obtida mediante a sua novena, do feliz resultado de uma intervenção cirúrgica a que se submeteu sua filha Zuleide.

Rev. mo Snr. P.º Manuel Pereira da Silva
Respeitosas saudações.

Esta tem por fim comunicar-vos uma grande graça que alcancei de N.ª S.ª do Rosário da Fátima, e pedir-vos ao mesmo tempo o obséquio de publica-la no jornal *Voz da Fátima*.

Sentido-me chamada para a vida religiosa e encontrando grande obstáculo, quer da parte dos parentes de quem dependia a licença, quer daqueles a cujas portas batia e se recusavam a me admitir, tendo feito nesse sentido a prodigiosa novena de N.ª S.ª do Rosário da Fátima, precisamente no dia 13 de Maio a Ela especialmente consagrado me foi dado o sim por que eu tanto ansiava. E', pois, com o coração cheio de reconhecimento que venho por meio desta agradecer a minha Boa Mãe do céu o insigne favor que acaba de tão prodigiosamente conceder-me.

Recife, 4 de Junho de 1930.

Maria José Alves do Carmo — F. M.

Julho-1930

Vivia de há muitos anos doente a Senhora Maria Alcina Correia da Silva, residente em Recife, Páteo de Santa Cruz, n.º 428. Peurou, porém, notavelmente o seu estado geral de Junho para cá, tendo o mal atingido o coração, complicando com os rins e diversos outros sintomas qual deles mais grave. Era geralmente tida na conta de piedosa; qual não foi, porém, a decepção de seus pais e amigos dedicados quando à pro-

posta de se confessar só obtinham como única e insistente resposta que quando melhorasse receberia os Sacramentos na Igreja, mas só lá e não em outra parte. Tão renitente estava nesta sua determinação que durante 2 horas frustou completamente todas as tentativas do seu próprio confessor. No dia seguinte, 1.º Domingo de Julho, voltou de manhã o mesmo Sacerdote porém sem melhor êxito. Por outro lado o seu estado cada vez mais se agravava, tendo convulsões horríveis, dizendo sentir fogo na boca, etc. Uma sua tia, Senhora muito piedosa e dedicada, sabendo-a devota de N.ª S.ª da Fátima, cujo novena gostava de fazer, bem como de ler o jornalzinho *Voz da Fátima* quando a viu sem mais acordo, quasi sem ver nem ouvir, como recurso extremo meteu-lhe a novena debaixo do travesseiro, dando-lhe ao mesmo tempo de quando em quando umas gotinhas da água milagrosa, implorando conjunctamente de N.ª S.ª quer o seu alívio físico, quer a aceitação dos Sacramentos. Já se pensava em lhe administrar assim mesmo ao menos a Extrema-Unção, chamando-se para isso o Sacerdote que determinou impôr-lhe o escapulário de N.ª S.ª do Carmo e se dispunha a aplicar-lhe condicionalmente a indulgência para a hora da morte, senão quando a doente recupera toda a lucidez e não só pele expontaneamente a confissão e os demais Sacramentos, mas suplicia insistentemente ser admitida Filha de Maria, cujos deveres quere conhecer minuciosamente para fielmente os cumprir.

Nos dias que ainda lhe restavam de vida por sua espontânea vontade tornou ainda a comungar e rezava o terço meditado pelo livro de orações, tudo com demonstrações da mais sincera e inequívoca piedade.

Dai em diante até expirar em nenhum apreço teve coisa alguma do mundo para todo o seu espírito concentrar só em Deus em cujo seio anhelava repousar, como de facto repousou plácidamente aos 29 do mesmo mês.

Percília de Carvalho Negromonte, residente em Recife, à Rua João Teixeira, vem agradecer a N.ª S.ª do Rosário da Fátima uma importante graça obtida por intermédio da sua bendita novena.

Achava-se uma pessoa amiga seriamente doente e em condições de não poder continuar a exercer o seu cargo. Começada uma novena a N.ª S.ª da Fátima, já aos 8 dias se achava a doente muito melhorada e com ânimo para continuar o seu antigo trabalho, e com poucos dias mais estava completamente restabelecido.

Agradeço a N.ª S.ª do Rosário da Fátima uma graça extraordinária que dEla obteve com promessa de publica-la na *Voz da Fátima*.

J. F. — Recife.

Setembro-1930

Um doente que de há 2 anos a esta parte vinha arrasando com graves sofrimentos, em fins de Agosto teve os ditos agravados com uma meningite e congestão cerebral. Além das dores que eram violentas, quasi por completo se lhe tolheu a fala e neste estado o fui encontrar na tarde do dia 1 de Setembro. Para o animar comecei por lhe incutir sentimentos de confiança em N.ª S.ª e N.ª S.ª, narrando-lhe alguns prodígios de N.ª S.ª da Fátima.

De natural bom, tudo ouvia com gosto e manifesto apreço, o que me animou a dar-lhe uma novena que ele tomou examinando a estampa com particular carinho. O mais importante porém foi a eficácia da dita novena com a qual na mão, passados poucos minutos, o doente começou a falar com relativa facilidade, o que arrancou ao próprio doente a exclamação: «oh! como N.ª S.ª é bom! Eu não podia falar e agora estou falando!...» Dêste modo se pôde confessar direitinho, pedindo em seguida uma colherinha de água milagrosa, dando em tudo sinais de manifesta piedade. Conservou-se muito sereno o resto do dia, no seguinte recebeu com visível devoção os Santos Sacramentos, sentia prazer em estrear contra o peito, ora o crucifixo, ora N.ª S.ª da Fátima, cuja água pedia de quando em quando, até que no dia 3, sobrevivendo uma crise mais violenta, descançou finalmente no Senhor, deixando sua extremosa esposa e parentes, se bem que profundamente magoados pela perda, ao mesmo tempo grandemente consolados por tão prodigiosa intervenção de N.ª S.ª da Fátima.

Que ditoso e prudente é aquele que procura ser na vida qual deseja que Deus o ache na morte.

Da Imitação de Cristo

Avisos

1.º — Toda a correspondência deve ser dirigida daqui por diante ao Rev.º P.º António dos Reis — Seminário de Leiria.

2.º — Rogamos o favor de nos devolverem os jornais em duplicado para sabermos o número que vai na cinta. Sem este número é muito difícil e às vezes impossível atender as reclamações.

3.º — Esperamos que os assinantes em dívida nos enviarão, directamente, em vale ou carta registada, a importância das assinaturas.

Voz da Fátima

Despesa

Transporte... ..	228.292\$10
Papel, composição e impressão do n.º 97 (84.000 exemplares)	4.383\$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	1.438\$05
	234.113\$15

Donativos vários

Beatriz de Paiva de Moraes Leite Brandão (Seixo), 50\$00; Carlos Vitoriano, 203\$00; povo de Salvaterra de Magos e Coruche, 200\$00; Domingos Ferreira dos Santos, 90\$00; Idalina Duarte de Oliveira e Maia, 97\$50; Cindazunda Ribeiro, 50\$00; Antónia Gaspar Fernandes Gião, 100\$00; P.º António Plácido Fernandes, 50\$00; Albina Alves, 37\$50; Maria das Dóres Tavares de Sousa, 175\$00; Teresa Amorim, 100\$00; na Misericórdia da Póvoa de Varzim, 73\$65; Brites Alves Andorinha, 50\$00; Ilda Duarte Rodrigues, 50\$00; Alberto Monat, 252\$45; Alzira Calado, 70\$00; vários assinantes de Ancora e Távora, 110\$00; prior de Midões, 50\$00; João Albino Custódio, 52\$50; António Coelho da Rocha, 130\$00; Maria F. M. Reimão Nogueira, 50\$00; P.º Carlos Assunção Dantas, 100\$00; Francisca Romana, 36\$10; Francisco F. Brandão, 50\$00; Maria Fernandes Camaronete, 140\$00; Manuel Duarte Ortigo (Brasil), 22\$32; Ir. Maria dos Anjos Teixeira, 40\$00; F. A. Xavier (de Hongkong), 350\$00; Maria Isabel da Costa Russo, 60\$00; na capela da Vera Cruz (Candal), 27\$50; Maria Ferreira Rodrigues, 40\$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas quando da distribuição de jornais: na Igreja de S. Mamede em Lisboa, no mês de Setembro de 1930, por Laura Gouveia, 10\$00; na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Outubro de 1930, por Maria Matilde da Cunha Xavier, 31\$20.

O mundo presente e o futuro

«O mundo passa e nós passamos com ele (é o Santo Cura d'Arce que fala). Os reis, os imperadores, tudo desaparece. Tudo se abisma na eternidade donde se não volta mais. Não se trata senão duma coisa: salvar a nossa alma.

Os santos não estavam presos aos bens da terra; só pensavam nos bens do Céu. Os mundanos, pelo contrário, só pensam no tempo presente.

É necessário fazer como os reis. Quando vão ser destronados, mandam adiante os seus tesouros. Do mesmo modo um bom cristão envia para a porta do céu todas as suas boas obras.

O bom Deus coloca-nos aqui sobre a terra, para saber como nos conduziremos e se o amamos; mas ninguém cá fica. Se refletissemos nisto, elevaríamos sem cessar os nossos olhos para o céu, nossa verdadeira pátria.

Mas nós deixamo-nos arrastar ora dum lado ora doutro, pelo mundo pelas riquezas e pelos gosos.

Vêde os santos: Como eram desprezados do mundo e da matéria! Como olhavam tudo isto com desprezo!

Um religioso, tendo perdido seu pai, encontrava-se senhor de grandes bens. Quando lhe trouxeram esta notícia perguntou: Há quanto tempo morreram meus pais? Há três semanas, lhe responderam.

Dizei-me: uma pessoa que já morreu pode herdar?

Com certeza que não.

Pois bem. Eu que já morri há vinte anos não posso herdar de quem morreu há três semanas.

A terra é uma ponte para passar a água. Serve apenas para sustentar os nossos pés...

Nós estamos neste mundo mas não somos deste mundo, pois todos os dias dizemos: Pai nosso que estais no céu... Devemos portanto esperar a nossa recompensa quando estivermos em nossa casa, na casa paterna».

Olhar para... dentro

«Deus chama a todos, grandes e pequenos, à sua intimidade.

Viver com Deus é viver dentro do nosso próprio coração; e Senhor é um Deus conosco.

Mas então, se o Senhor está tão próximo de nós que em nós mesmos O temos, porque serão tão ceremoniosas e frias as nossas relações que quasi só se manifestam nas práticas meio oficiais do culto exterior, sem o convívio íntimo duma vida a dois?

E' que, para entrar no reino de Deus, intimidade de Jesus — intimidade diz uniao — temos de conformar a nossa vontade à sua.

É tão difícil passar pela terra tocando-lhe só com os pés, sem deixar o coração prender-se a nada de humano!

Tão difícil lutar contra nós mesmos para dar o triunfo a Deus sobre a nossa vontade!

Por isso a vida sobrenatural, que deveria ser para todos, é afinal para tão poucos.

Mas, se queremos ser felizes, temos de entrar no pequenino número dos que se desprendem do mundo e se renunciam a si mesmos para viverem para Deus.

Viver com Deus! Não é outra a felicidade no céu; e só esta existe também verdadeira na terra».

Quando o coração não é puro...

Quando se procuram as causas da incredulidade, facilmente se encontra esta — a luxúria.

E não admira.

O homem deshonesto torna-se semelhante ao animal, escravo dos apetites carnis e procura a sua felicidade onde o animal a encontra; ora o homem animal não percebe as coisas que são do espírito, como diz S. Paulo.

Para socegar a consciência que lhe repreende as suas baixezas, para se abandonar sem medo e sem remorso às suas vis paixões, procura arrancar do espírito toda a idéa de Deus. Tarefa relativamente fácil, porque a própria devassidão vai obscurecendo a inteligência.

«Li, diz um escritor notável, li todos os livros que me foi possível e posso garantir que todos aqueles que apostaram da fé católica foram pessoas de má vida».

Henrique VIII, rei de Inglaterra, que tinha merecido o epíteto de defensor da fé, abjurou a religião católica para cair no adultério.

Lutero despiu o hábito de Santo Agostinho e abandonou a religião católica por causa das suas relações ilícitas.

Teodoro de Beza, apertado pela lógica de S. Francisco de Sales, estava quasi resolvido a voltar à Igreja, mas a luxúria o impediu. Apontando para uma jovem lindíssima exclamou: «Não posso!... Ali está a causa da minha incredulidade!»

Assim, muitos que dizem que não há Deus, deveriam dizer para serem sinceros: «Não me convém que haja Deus, porque quero satisfazer a minha paixão deshonestas».

Só o homem...

Um dia, o célebre astrónomo Arago explicando em uma conferência pública as grandes leis da mecânica celeste, fazia admirar a regularidade do movimento dos céus e a ordem que preside à marcha dos astros. E a propósito disse:

«Na próxima semana vamos ter um eclipse de sol visível em Paris. A lua se encontrará em conjunção com o sol e a luz deste astro-rei será interceptada para a terra.

Em tal dia pois, meus senhores, a tal hora, a tal minuto, a tal segundo, três grandes astros corresponderão, não à nossa predicção mas à ordem de Deus... *Só o homem a não cumprir.*

A esta última frase pronunciada lentamente, com uma voz grave, toda a assembleia sentiu um íntimo estremecimento.